

AS ESPACIALIDADES INSTITUÍDAS PELAS JOVENS MULHERES NEGRAS NA E POR MEIO DA CULTURA HIP HOP EM LONDRINA (PR)¹

Ana Carolina dos Santos Marques²

Universidade Estadual Paulista (UNESP)
Presidente Prudente, SP, Brasil



Enviado em 5 dez. 2022 | Aceito em 31 maio 2023

Resumo: Este artigo objetiva compreender as espacialidades instituídas pelas jovens mulheres negras em seu processo de afirmação e negociação identitária *na e por meio da* cultura Hip Hop em Londrina (PR). Intenciono interpretar o duplo movimento realizados pelas jovens negras, considerando que elas negociam sua presença *nos* espaços do Hip Hop, num contexto de hegemonia masculina, e também possuem a possibilidade de instituir outras espacialidades no espaço urbano *por meio da* cultura, questionando a subalternização dos corpos femininos negros. As principais metodologias adotadas são trabalhos de campo, observação participante e entrevistas semiestruturadas com cinco jovens negras hip hoppers. Concluo que o encontro com a cultura Hip Hop amplia as experiências de espaço das jovens mulheres negras, além disso, elas tensionam a hegemonia masculina da cultura, tornam os espaços do Hip Hop e da cidade mais democráticos e transformam a própria cultura, construindo um Hip Hop feminista em Londrina.

Palavras-chave: Espacialidades. Jovens mulheres negras. Hip Hop. Londrina (PR).

THE SPACIALITIES INSTITUTED BY YOUNG BLACK WOMEN IN AND THROUGH HIP HOP CULTURE IN LONDRINA (PR)

Abstract: This article aims to understand the spatialities instituted by young black women in their process of affirmation and negotiation of identity in and through Hip Hop culture in Londrina (PR). I intend to interpret the double movement carried out by young black women, considering that they negotiate their presence in Hip Hop spaces, in a context of male hegemony, and also have the possibility of establishing other spatialities in the urban space through culture, questioning the subalternization of black female bodies. The main methodologies adopted are fieldwork, participant observation and semi-structured interviews with five young black hip hoppers. I conclude that the encounter with Hip Hop culture broadens young black women's experiences of space, as well as challenging the male hegemony of culture, making Hip Hop and city spaces more democratic and transforming culture itself, building a feminist Hip Hop in Londrina.

Keywords: Spatialities. Young black women. Hip Hop. Londrina (PR).

LAS ESPACIALIDADES INSTITUIDAS POR LAS JÓVENES NEGRAS EN Y A TRAVÉS DE LA CULTURA HIP HOP EN LONDRINA (PR)

Resumen: Este artículo pretende comprender las espacialidades instituidas por las jóvenes negras en su proceso de afirmación y negociación de la identidad en y a través de la cultura Hip Hop en Londrina (PR). Pretendo interpretar el doble movimiento realizado por las jóvenes negras, considerando que ellas negocian su presencia en los espacios del Hip Hop, en un contexto de hegemonía masculina, y también tienen la posibilidad de establecer otras espacialidades en el espacio urbano a través de la cultura, cuestionando la subalternización de los cuerpos femeninos negros. Las principales metodologías adoptadas son el trabajo de campo, la observación participante y las entrevistas semiestructuradas con cinco jóvenes hip hoppers negras. Concluyo que el encuentro con la cultura Hip Hop amplía las experiencias espaciales de las jóvenes negras, además de cuestionar la hegemonía masculina de la cultura, democratizando el Hip Hop y los espacios de la ciudad y transformando la propia cultura, construyendo un Hip Hop feminista en Londrina.

Palabras clave: Espacialidades; Jóvenes negras; Hip Hop; Londrina (PR).

1. Este artigo apresenta parte dos resultados obtidos na dissertação intitulada "As espacialidades instituídas pelas jovens mulheres negras na e por meio da cultura Hip Hop em Londrina (PR)", desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia - Universidade Estadual Paulista, campus de Presidente Prudente, sob orientação do Prof. Dr. Nécio Turra Neto.

2. Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia - Universidade Estadual Paulista, campus de Presidente Prudente. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4285-7654>; E-mail: ana-carolina.marques@unesp.br.



Introdução

Este artigo objetiva compreender as espacialidades instituídas pelas jovens mulheres negras em seu processo de afirmação e negociação identitária *na e por meio da* cultura Hip Hop em Londrina (PR). Nós, mulheres negras, temos nossas trajetórias de vida e de espaço atravessadas pela intersecção de eixos de opressão como gênero, raça, classe, sexualidade e idade, e somos marginalizadas pela estrutura de poder, obrigadas a vivenciar desigualdades e discriminações cotidianamente. Quando somos jovens, a participação em culturas juvenis nos possibilita pensar em trajetórias mais autônomas.

As preposições *na e por meio da* intencionam destacar um duplo movimento que justifica o título do artigo. *Na* cultura Hip Hop, as jovens mulheres negras negociam sua presença e identidades, num contexto de hegemonia masculina. Com base em suas vivências, nos aportes propiciados por certa militância feminista e *queer*, e também nos aportes adquiridos na militância hip hopper, elas realizam um enfrentamento à essa hegemonia e tornam a cultura mais democrática, incentivando a participação outras de mulheres e também de pessoas LGBTQIAPN+ (lésbicas, gays, bissexuais, trans, *queer*, intersexuais, assexuais, pansexuais e não-binários).

Por meio da cultura Hip Hop, elas têm a possibilidade de instituir outras espacialidades na cidade, diferentes daquelas que lhes foram impostas. A ação do Hip Hop não se restringe às periferias empobrecidas do espaço urbano. Há uma ocupação de outros espaços, principalmente públicos, como o centro da cidade. A participação na cultura implica na apropriação desses locais distintos, que se desdobram em outras espacialidades. Além disso, ao corporificarem a cultura Hip Hop, as jovens, circulando pela cidade e frequentando espaços públicos e privados, também carregam os estigmas atribuídos pela sociedade à quem pratica a cultura e fazem seus enfrentamentos. Portanto, o intuito deste texto é entender o duplo movimento das jovens negras em Londrina.

Compreender de que modo mulheres constroem o espaço, a partir da participação em culturas juvenis, é fundamental, porque as manifestações tendem a aumentar os seus campos de possibilidades. Quando pensamos em jovens mulheres negras, a oportunidade de traçar trajetórias para além das que nos foram impostas, precisa ser aproveitada, uma vez que a partir da intersecção de raça, classe, gênero, sexualidade, idade e espaço, somos marginalizadas e excluídas da sociedade e dos espaços de poder e decisão.

O artigo está estruturado em três partes principais, além da introdução, procedimentos metodológicos e considerações finais. Inicialmente discuto as vivências de mulheres negras. Espacialidades, práticas espaciais e interseccionalidades são os conceitos que estruturam esse debate. Destarte, abordo brevemente a cultura Hip Hop e caracterizo a cena londrinense. Por fim, apresento os resultados dos percursos etnográficos, interpretando as espacialidades instituídas pelas jovens mulheres negras *na e por meio da* cultura Hip Hop em Londrina.

Procedimentos metodológicos

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e etnográfica, a partir de observações de campo, interpretações foram realizadas, assim como reflexões, estabelecimento de relações e uma descrição densa (GEERTZ, 1978). Defendo a posicionalidade e a reflexividade nas pesquisas (HARAWAY, 1995) e saliento que as discussões realizadas aqui não são definitivas e generalizadoras. Partiu-se das observações da cena do Hip Hop londrinense e das falas das jovens mulheres negras que atuam nele.

O recorte espacial é a cidade de Londrina (norte do Paraná), e se deve ao fato de primeiramente ser meu lugar de vivência e, também em virtude de a cidade possuir diversas culturas juvenis

ocorrendo cotidianamente em seu espaço urbano. Trabalhos de campo em eventos da cultura Hip Hop de Londrina, sobretudo nas batalhas de rima, foram realizados entre os anos de 2018 a 2020. A intenção foi imergir nas realidades vivenciadas pelas jovens negras, participando não só dos eventos de Hip Hop, mas também dos encontros que ocorriam entre elas e de seus rolês³. Nas pesquisas de campo, as metodologias utilizadas foram a observação participante (TURRA NETO, 2011) e as entrevistas semiestruturadas⁴ (COLOGNESE; MELO, 1998). Após a transcrição, as entrevistas foram codificadas com base em Gibbs (2009) e interpretadas.

A partir das observações em campo, fui conhecendo as jovens mulheres do Hip Hop londrinense e escolhendo as potenciais entrevistadas, que condiziam com o perfil das sujeitas da pesquisa: mulheres, jovens, negras e que participassem ativamente da cultura, enquanto *rappers*, DJs, grafiteiras ou dançarinas. As cinco jovens negras que aceitaram participar das entrevistas⁵ são: Cleópatra, DJ Fran, MC VK, Poetiza e Venezian.

Cleópatra é MC, possuía 18 anos no momento da entrevista e estava no último ano do ensino médio. Identifica-se como mulher preta. Morava com seus pais na zona central de Londrina e estava desempregada. Para conseguir algum dinheiro vendia roupas, acessórios e sapatos próprios, muitos ganhados em eventos do Hip Hop. O desemprego foi um dos efeitos da pandemia de COVID-19. Antes do isolamento social, a jovem trabalhava como artista circense, ministrando aulas. Cleópatra encontrou o Hip Hop entre os 10 e 12 anos, por meio de um projeto social circense do qual participava. O primeiro elemento que praticou foi o *break*, e aderiu ao rap aos 14 anos.

DJ Fran é DJ, tinha 30 anos⁶ e se identifica como preta. Residia no bairro Fraternidade, zona leste de Londrina. É formada em Pedagogia pela UEL, atua como professora e aos fins de semana toca em eventos. Até os 17 anos, era metaleira e nessa idade encontrou o Hip Hop por meio do atual marido, Mr. Rei. Desde então, já coordenou projetos sociais com ele, grupos de dança e de música, até se tornar DJ. Juntamente com o marido, é responsável pela organização do Festival Hip Hopé Vermelho.

MC VK é MC, possuía 21 anos e se identifica como preta. Morava no Jardim Novo Aeroporto, zona leste de Londrina, com o marido. Cursava Farmácia na Universidade Estadual de Londrina e também é tecnóloga em estética, os atendimentos desse ramo eram sua fonte de renda. Encontrou o Hip Hop em 2019, com 20 anos, por meio de uma amiga que a levou na Batalha da Concha. Desde então, participa das batalhas de rima.

Poetiza é cantora, atuando não só como MC, mas também como grafiteira, dançarina e tem estudado para se tornar DJ. Possuía 29 anos, se considera preta e morava com o namorado no bairro Portal do Sol, zona norte de Londrina. Trabalhava como trancista e *baby sister*. Além disso, também fazia faxinas, maquiagens, roupas customizadas e artesanatos para complementar a renda. Conheceu o Hip Hop com sete anos, por meio da família que fazia parte da cultura. Desde muito nova, fazia poesias e o primeiro elemento que participou foi o *break*, para em seguida se tornar MC (o principal elemento que participa).

³ Expressão popularizada entre as/os jovens, significa sair para algum lugar (por exemplo festas, bares e espaços públicos) e socializar com amigas/os e outras pessoas. No caso das jovens negras hip hoppers de Londrina, "dar um rolê" significa se reunir e sair com as/os amigas/os para espaços públicos ou casas, e ficar conversando, comendo, bebendo e, na maioria das vezes, rimando.

⁴ A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da FCT/UNESP e aprovada, o número do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) é 20272119.5.0000.5402.

⁵ As entrevistas ocorreram nos meses de outubro e novembro de 2020. Desse modo, o perfil apresentado reflete as situações de vida das jovens naquele momento.

⁶ Entender jovens apenas pelo fator da idade é simplificador (CARRANO, 2011), ainda que os critérios institucionais brasileiros definam jovens como pessoas entre 15 e 29 anos, as fronteiras entre a vida jovem e adulta são cada vez mais imprecisas e não podem ser definidas apenas por aspectos biológicos. Portanto, ainda que DJ Fran possua 30 anos, sua condição atual é considerada nesta pesquisa como juvenil. A própria jovem, nas entrevistas, salientou que se consideram jovem e não adulta.

Venezian é MC, tinha 21 anos e se considera preta. Cursava Técnico em Enfermagem e morava com os pais no bairro Alto da Boa Vista, na zona norte de Londrina. Trabalhava em um estabelecimento de hortifruti próximo à sua casa, três vezes por semana. Entre os 10 e 12 anos começou a fazer poesias e foi nesse período que ocorreu seu primeiro contato com o Hip Hop. O irmão foi um de seus principais incentivadores. Em 2017, com 18 anos, começou a participar das batalhas de rima e a atuar como MC.

Apoiado nos resultados das entrevistas, mapas foram elaborados para representar as espacialidades das jovens mulheres negras em Londrina antes e após seu encontro com a cultura Hip Hop.

Espaço geográfico, mulheres negras e interseccionalidades: corporificando marcadores identitários

Compreender as espacialidades instituídas por jovens mulheres negras no e por meio do Hip Hop nos remete à discussão de espaço geográfico, uma vez que o espaço/espacialidade é meio, condição e resultado da ação das jovens negras hip hoppers, refletindo suas identidades, trajetórias e relações sociais.

Massey (2004; 2008) entende o espaço geográfico a partir de três proposições: como produto de inter-relações, constituído por meio de interações, desde a imensidão do global até o intimamente pequeno; como esfera da possibilidade da existência da multiplicidade, em que trajetórias plurais coexistem; como processo sempre em construção, nunca acabado. Em síntese, o espaço é movimento.

Nesse sentido, as/os sujeitas/os estão (re)construindo e transformando o espaço continuamente, assim como o espaço influencia suas vidas. O movimento das/os sujeitas/os pode ser entendido como o processo de instituição de espacialidades. A espacialização é espacial e temporal (MASSEY, 2008), a sociedade está sempre se espacializando, ou seja, sempre se inserindo e ocupando o espaço geográfico, de acordo com as possibilidades existentes.

As espacialidades são influenciadas por inúmeros fatores, como o arranjo espacial e o contexto social e temporal, mas também pelas dimensões identitárias que constituem cada sujeita/o. Logo quando falamos de trajetórias de espaço e de vida neste texto, corroboramos com Massey (2008) e Souza (2007). Para Massey (2008), o termo *trajetória* enfatiza o processo de mudança em um fenômeno, há o sentido temporal e espacial e o seu posicionamento em relação às outras trajetórias. Segundo Souza (2007), as trajetórias evidenciam o movimento temporal no espaço geográfico, elas são desenhadas por agentes sociais e demonstram suas histórias de vida, olhares para si e para as/os outras/os, dificuldades e lutas para fugir delas, práticas cotidianas e deslocamentos espaciais. Se trata de traços sociais inscritos no espaço.

As/os sujeitas/os instituem espacialidades e (re)constroem o espaço geográfico por meio das práticas espaciais. De acordo com Lefebvre (2013), as práticas espaciais dizem respeito às interações sociais no espaço, englobam a produção e reprodução de lugares específicos e conjuntos espaciais próprios de cada formação social. Góes e Spósito (2016) complementam esse debate e apontam que as práticas espaciais expressam dimensões da vida social, micropolíticas e culturais. Sua inter-relação com a subjetividade é complexa por construir sentidos, significados e imagens acerca dos espaços, além de que essa construção condiciona as práticas espaciais futuras. As práticas espaciais constroem, modificam e atribuem sentido e significado ao espaço, assim como o espaço as influencia e localiza (LINDÓN, 2012).

Por meio dos entendimentos de espacialidades e práticas espaciais, podemos pensar a realidade das jovens hip hoppers negras da pesquisa. Por exemplo, a partir dos deslocamentos que realizam até os lugares que frequentam, e da apropriação artística e política dos espaços públicos da

cidade, elas modificam o espaço geográfico e questionam a ordem hegemônica vigente que as marginaliza. Suas espacialidades no e por meio do Hip Hop tensionam as espacialidades que lhes foram impostas, assim como as identidades hegemônicas. A cultura possibilita que transponham os limites e sejam mais autônomas.

No entanto, ainda que o espaço geográfico abrigue grande diversidade de sujeitas/os, com identidades múltiplas, a forma como os corpos vivenciam o espaço geográfico é diferenciada, de acordo com as situações, determinados eixos se sobressaem nas experiências, afetando diretamente os espaços frequentados. Dessa forma, ao pensar a respeito das sujeitas dessa pesquisa é fundamental levar em conta as interseccionalidades.

A interseccionalidade significa entender “[...] como essas discriminações operam juntas, limitando as chances de sucesso das mulheres negras” (CRENSHAW, 2004, p. 8). Pressupõe abandonarmos as “caixas” de opressão (AKOTIRENE, 2019). Ao interseccionar as variáveis identitárias e caracterizar as/os sujeitas/os, não estamos somando os eixos de opressão, nem os hierarquizando, mas sim os cruzando para compreender de que forma as/os sujeitas/os são exploradas/os e invisibilizadas/os.

McCall (2005) defende que a interseccionalidade diz respeito à posição que a/o sujeita/o ocupa na sociedade. Assim, de acordo com o contexto social, espacial e histórico em que se está inserida/o, determinadas categorias identitárias serão acionadas. Ao pesquisarmos as realidades vivenciadas por jovens mulheres negras da cultura Hip Hop londrinense por meio de uma perspectiva interseccional, se torna imprescindível debater os seguintes eixos: raça, gênero, classe, sexualidade, idade – juventude –, cultura juvenil e espaço geográfico.

Entendo a juventude como uma fase de vida (DAYRELL, 2003; PAIS, 2003; TURRA NETO, 2015), um momento e condição na trajetória biográfica das/os sujeitas/os concretos. Ainda que a dimensão da idade seja pouco discutida nas pesquisas interseccionais, ela merece maior atenção, tendo em vista que as clivagens identitárias assumem contornos distintos de acordo com as relações intergeracionais.

De acordo com Turra Neto (2015, p. 129), as/os jovens brasileiras/os de classes menos favorecidas têm suas experiências de juventude limitadas: “Para jovens das camadas populares, o futuro é mais incerto, o campo de possibilidades de elaborar projetos é mais limitado [...]”. Desse modo, as jovens mulheres negras da pesquisa não têm a possibilidade de vivenciar sua juventude na plenitude, uma vez que não dispõem de moratória social (MARGULIS, URRESTI, 1996). Desde muito novas, elas precisam trabalhar para sobreviver e, conseqüentemente, sua juventude é limitada. Nesse âmbito, podemos entender o Hip Hop como uma cultura que possibilita à elas ter experiências próprias de sua fase de vida.

As experiências limitadas de juventude das jovens mulheres negras estão diretamente ligadas a intersecção de gênero, raça e classe. O racismo é aqui entendido como um sistema de opressão estrutural, que tem a raça como fundamento: “[...] o racismo, como processo histórico e político, cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática” (ALMEIDA, 2018, p. 39). No Brasil, ele nega direitos à população negra, limitando suas oportunidades (RIBEIRO, 2019).

A raça possui uma dimensão espacial, ela atua na estruturação do espaço geográfico. Há uma construção espacial, resultante das relações raciais de poder, em que os indivíduos, inconscientemente, sabem onde a raça e o pertencimento racial são importantes como critério regulador das relações socioespaciais e onde não é (SANTOS, 2007). Desse modo, existe um controle permanente da espacialidade negra, pessoas negras não ocupam o espaço geográfico em toda sua potencialidade, pois são entendidas como um problema espacial, nas ideias de Oliveira (2020).

Enquanto problema espacial, três “soluções” são estabelecidas: impor obstáculos e constranger a apropriação e uso do espaço; negar a si e sua coletividade; e o extermínio físico (OLIVEIRA, 2020).

Essa imposição de barreiras socioespaciais atinge diretamente a realidade das jovens mulheres negras, que não ocupam todos os espaços que poderiam por direito. Além de vivenciarem contextos permeados pelos estigmas interseccionais de raça, classe e idade, também são afetadas pelo gênero, aprofundando os contextos de desigualdades e as tornando mais vulneráveis. Compreendo gênero como uma construção social em que homens e mulheres são produtos moldados desde que nascem, de acordo com o contexto espacial e temporal em que vivem. Ele é “[...] construído e mantido através do discurso e ações cotidianas” (MCDOWELL, 1999, p. 22 – *tradução nossa*).

A estrutural desigual de poder, patriarcal e heteronormativa tem como ideal de mulher as mulheres brancas (ainda assim, elas são atingidas por diversas opressões). Sendo assim, mulheres negras são alvo de uma série de estigmas que consolidam sua desumanização, exotização e subalternização. Gonzalez (1984) estabelece três noções a que geralmente são associadas: mulata, doméstica e mãe preta. Daí que defendo o feminismo negro (CARNEIRO, 2003; RIBEIRO, 2018) como uma vertente do movimento feminista que questiona as bases epistemológicas da construção do saber, do fazer e do ser, potencializando os entendimentos das realidades das mulheres negras, para assim ser possível pensar em estratégias para enfrentamento do racismo e do sexismo.

O espaço geográfico influencia a construção do gênero e o gênero influencia na constituição do espaço. Massey (2009) ressalta que as interseções e influências são mútuas, profundas e multifacetadas, o espaço é importante tanto na construção das relações de gênero, quanto na luta para mudá-las. Para compreender como as/os sujeitas/os foram construídas/os como tais, é fundamental entender de que forma o espaço influencia esse processo de constituição. Mulheres negras instituem espacialidades distintas de outros grupos sociais (SOUZA, RATTIS, 2008). Nossas espacialidades são marginais, restritas e impostas, há um controle sobre a construção e afirmação de nossas identidades. Grande parte das mulheres negras possuem trajetórias de espaços limitadas à casa e ao trabalho remunerado. Há um processo de negociação identitária que se reflete no espaço e é também constituído por ele. E sendo o espaço organizado, por exemplo, por meio de raça, gênero e classe, somos segregadas em inúmeras situações.

Ocupar espaços que nos foram historicamente negados simboliza afirmação individual e coletiva, e possibilita lutar pela construção de espaços mais justos e equitativos. Em suma, é uma forma de resistência e transformação da estrutura de poder colonial e moderna. Portanto, intenciono demonstrar que as jovens mulheres negras são sujeitas sociais, que produzem ativamente o espaço geográfico e lutam, dentre outras formas por meio do Hip Hop, para afirmarem suas identidades e por uma sociedade mais justa. Ademais de se situarem na intersecção de raça, classe, gênero, sexualidade, idade e espaço geográfico, elas também participam de uma cultura juvenil que é marginalizada.

A cultura hip hop e a cena londrinense

Para além de pensar o espaço geográfico pelo viés da restrição das espacialidades das jovens negras, se faz importante ressaltar estratégias para potencializar a ocupação de diferentes espaços negados às camadas populares, sendo o Hip Hop, uma delas.

O Hip Hop é aqui interpretado como uma cultura juvenil (PAIS, 2003) negra. Seu público é formado, majoritariamente, por jovens negras/os que encontram na cultura uma forma de se expressar, expor suas reivindicações e sociabilizar com pessoas, sejam da mesma geração, ou que compartilhem trajetórias e espaço de vida semelhantes. Segundo Pais (2003), as culturas juvenis abrem possibilidades para que as juventudes possam transgredir a estrutura dominante. Há a

oportunidade de criar redes de sociabilidade (MAIA, 2001; TURRA NETO, 2015), tempos e espaços com vivências juvenis. Além disso, é no espaço urbano que elas encontram espaços e tempos propícios para sua ocorrência, estabelecendo seus fluxos (FEIXA, 1999).

Desde sua criação, a cultura Hip Hop⁷ se materializa no espaço urbano, questionando fenômenos como a segregação socioespacial e demonstrando que as áreas urbanas marginalizadas também são locais de cultura, lazer e encontro. Ela ressignifica a periferia empobrecida, enquanto lugar de produção de conhecimento e arte. Há uma reivindicação não só do direito à cidade, mas do direito de existir e de ser reconhecida/o como sujeita/o transformadora/or de sua realidade. Desse modo, a juventude negra que pratica o Hip Hop pode ser entendida como sujeitas/os periféricas/os, com base nas contribuições de D'Andrea (2020).

As análises geográficas possibilitam entender de que modo a juventude hip hopper negocia a ocupação dos espaços urbanos, pois é justamente a apropriação que proporciona que os eventos aconteçam, que redes de sociabilidade sejam criadas e que os espaços se tornem mais democráticos. Santos (2011) destaca a ocupação temporária dos espaços pelo Hip Hop, salientando sua dimensão intermitente e a superposição de espacialidades. As experiências espaciais e sociais dos corpos são materializadas nos espaços ocupados e os traços culturais e a corporeidade remetem à negritude (OLIVEIRA, 2012).

Embora a cultura Hip Hop possua inúmeras potencialidades no processo de constituição e afirmação das identidades das juventudes (especialmente, das jovens mulheres negras da pesquisa), é formada predominantemente por homens e discursos e ações sexistas ou discriminatórias ainda são reproduzidos em sua organização interna, uma vez que está inserida no movimento da sociedade. A presença das mulheres no Hip Hop tem se ampliado nos últimos anos, as hip hoppers têm participado mais da cena brasileira e combatido a discriminação de gênero. Nesse contexto de enfrentamentos é que muitas jovens criaram a iniciativa de organizar coletivos femininos, promovendo, por exemplo, batalhas de rima somente de mulheres, como em Londrina em que há o coletivo *Batalha das Minas de Londrina*.

Em Londrina, a cultura Hip Hop possui pouco mais de 30 anos de existência. A organização do espaço urbano londrinense é complexa e marcada pela segregação não só socioespacial (AMORIM, 2011), mas também racial. Desde a criação da cidade, a população negra foi marginalizada e condicionada a viver nas áreas periféricas empobrecidas. As áreas valorizadas possuem uma política anti-negras/os (GALDINO, 2017). Assim, foi justamente nas áreas empobrecidas que o Hip Hop emergiu, se consolidando como uma cultura de contestação das desigualdades socioespaciais, mas também como cultura de construção de um outro espaço para a juventude negra londrinense, uma outra possibilidade de visibilidade para as/os sujeitas/os periféricas/os.

A cena (TURRA NETO, 2004) do Hip Hop londrinense começou a ser constituída em meados da década de 1980, sendo marcada pelo engajamento social com as comunidades periféricas e pelo tensionamento para que o poder público local reconheça as potencialidades da cultura e contribua para a realização dos projetos e eventos, cedendo espaço e financiamento. O rap é o elemento mais consolidado na cidade, entretanto, há a prática de todos os elementos do Hip Hop.

Nunes e Silva (2007) afirmam que a maior parte das/os jovens que participam da cultura são negras/os, de classe popular e residem nas periferias empobrecidas, evidenciando a intersecção das variáveis de raça e classe que as/os tornam mais vulneráveis e com difícil acesso a serviços e infraestruturas básicas. Essa juventude se identifica com a cultura Hip Hop, se reconhecendo e se

⁷ Tendo em vista que não é a intenção do artigo aprofundar na criação e nos elementos da cultura Hip Hop, para mais informações consulte: Xavier (2005), Simões (2010) e Freire (2018).

afirmando por meio dela, principalmente com base nas letras de rap, ação que não é propiciada por músicas distantes de seu contexto de vivência.

As principais formas de manifestação do Hip Hop na cidade são os projetos sociais e as batalhas de rima, há também outras manifestações como os grupos de rap, de grafite e de *break* e os eventos culturais. Os projetos sociais são responsáveis por difundir a cultura para crianças, adolescentes e jovens e, anualmente, concorrem a editais de financiamento do PROMIC (Programa Municipal de Incentivo à Cultura). As batalhas de rima formam um circuito ao longo da semana. Em 2020 existiam seis batalhas em diferentes zonas: Batalha do Hemp (oeste), Batalha do Cinco (norte), Batalha do Galo (norte), Batalha do Antares (leste), Batalha da Concha (central) e Batalha das Minas (central). Há outras batalhas que já realizaram edições na cidade, como a Batalha da ZO (oeste), Batalha do Vibe (norte) e Batalha do Café (sul). Em alguns períodos do ano, também são realizadas batalhas constituídas apenas por mulheres, como As Mina na Rima e Elas é Zica. As batalhas de rima estão presentes em todas as zonas geográficas.

Portanto, a cena do Hip Hop em Londrina é repleta de manifestações culturais. A juventude representa a nova geração de hip hoppers e tem fomentado a cena na cidade, sendo que muitas/os jovens aderem à cultura em virtude da participação nos projetos sociais coordenados pela velha geração, e por meio do uso da *internet* e das plataformas digitais estão criando seus sons e divulgando seus trabalhos, o que revela por si só que a cultura Hip Hop, que continua se realizando na cidade, se faz em uma outra conjuntura histórica e que conta a seu favor com outras possibilidades técnicas de produção e difusão.

Em relação à presença das mulheres na cena, as jovens mulheres negras da pesquisa destacam que a participação feminina tem crescido cada vez mais na cidade, sobretudo, nos últimos cinco anos. De acordo com MC VK (2020): “[...] o movimento das minas cresce, tem qualidade e tem tudo para continuar crescendo e explodir, ver as meninas daqui da cidade se apoiando fazendo rap, uma incentivando o rap da outra”. Como apontado pela jovem, as mulheres da cena buscam se apoiar e se incentivar. Em uma cultura predominantemente masculina, o incentivo se faz fundamental para que as mulheres entendam que não estão sozinhas, que há pessoas interessadas em suas produções e que elas podem se tornar inspiração para outras mulheres. Isso é confirmado na fala de Cleópatra (2020): “[...] hoje em dia a gente tá conseguindo caminhar melhor, tendo mais minas, temos rolês de minas para minas, com minas produzindo, então devagarzinho estamos indo”.

Embora a participação das jovens mulheres tenha crescido em Londrina, esse avanço não se deu de forma simples, mas sim com base em enfrentamentos. As jovens têm que batalhar muito mais para conseguirem reconhecimento. O coletivo da Batalha das Minas surgiu, justamente, para unir as mulheres e incentivar os trabalhos femininos.

Um novo contexto histórico se apresenta à cultura Hip Hop, as mulheres já não ficam mais caladas frente às discriminações. Assim, os homens hip hoppers tem que as respeitar e aprender a lidar com sua presença, não como uma competição por espaço, mas sim como uma força a mais na luta por uma sociedade mais justa. Essa mudança pode ser vista na sociedade como um todo. Mulheres ocupando espaços historicamente negados a elas é uma mudança que afeta o Hip Hop e que obriga a cultura a se reelaborar.

As jovens mulheres negras da pesquisa são sujeitas que rompem com a masculinização da cultura e tensionam as estruturas hegemônicas. Sua participação no Hip Hop torna a cultura mais justa e reflexiva. São elas que pautam as questões de gênero e lutam por espaços mais equitativos. Vemos assim um duplo movimento, que acontece de forma interdependente. Ao mesmo tempo que por meio da cultura Hip Hop jovens mulheres negras expressam, ressignificam e positivam essa posição de marginalidade na sociedade, também dentro da cultura Hip Hop, com as “armas” da

própria cultura, mas agora acrescida das “armas” oferecidas por certa militância feminista e *queer*, confrontam a hegemonia masculina e a tornam mais democrática.

É nesse sentido que procuro compreender as espacialidades instituídas por jovens mulheres negras *por meio da e na* cultura Hip Hop, investigando as trajetórias pretéritas, os encontros com a cultura e de que forma esses encontros modificaram a vida das jovens, seja no que diz respeito à consciência de gênero, raça, classe ou sexualidade, mas também de vivência do espaço urbano. O esforço será demonstrar como o processo de constituição de sujeitas/os e de espacialidades se dá de forma indissociável, como parte de um mesmo movimento, pois as trajetórias de vida não são apenas temporais, mas também espaciais, e o encontro com a cultura Hip Hop promove a reconfiguração delas.

A reelaboração das espacialidades das jovens mulheres negras, a partir do hip hop londrinense

Por meio dos diálogos com as jovens negras da pesquisa, elenquei quais locais elas costumavam frequentar antes de seu encontro com a cultura Hip Hop, e quais locais elas passaram a ocupar após sua adesão (não restringindo a pergunta e a resposta apenas à espaços da cultura). Os mapas foram construídos objetivando apresentar as espacialidades instituídas em Londrina, pois quando as informações são espacializadas, há a possibilidade de identificar interações espaciais que, de outro modo, não são evidentes.

O Mapa 1 demonstra que as espacialidades antes do encontro com a cultura Hip Hop eram mais restritas. As trajetórias de espaço se concentravam em suas casas, locais de estudos e um pequeno momento de lazer, representado por locais como a igreja, a vila cultural e um espaço público. DJ Fran era metaleira antes de encontrar o Hip Hop e, por esse motivo, sempre frequentava as escadarias do Teatro Ouro Verde, no calçadão de Londrina, com o grupo de metaleiras/os:

Eu vivia no calçadão, ali no teatro Ouro Verde naquelas escadinhas. Ficava ali junto com os hippies, na verdade era mais no calçadão mesmo, ai era na Vila aqui onde eu moro até hoje, era na quadra, na rua, sentada na calçada conversando com a molecada. Eu nunca tinha ido viajar, só ia pra Tamarana na casa do meu pai, meu espaço físico era bem reduzido (DJ FRAN, 2020).

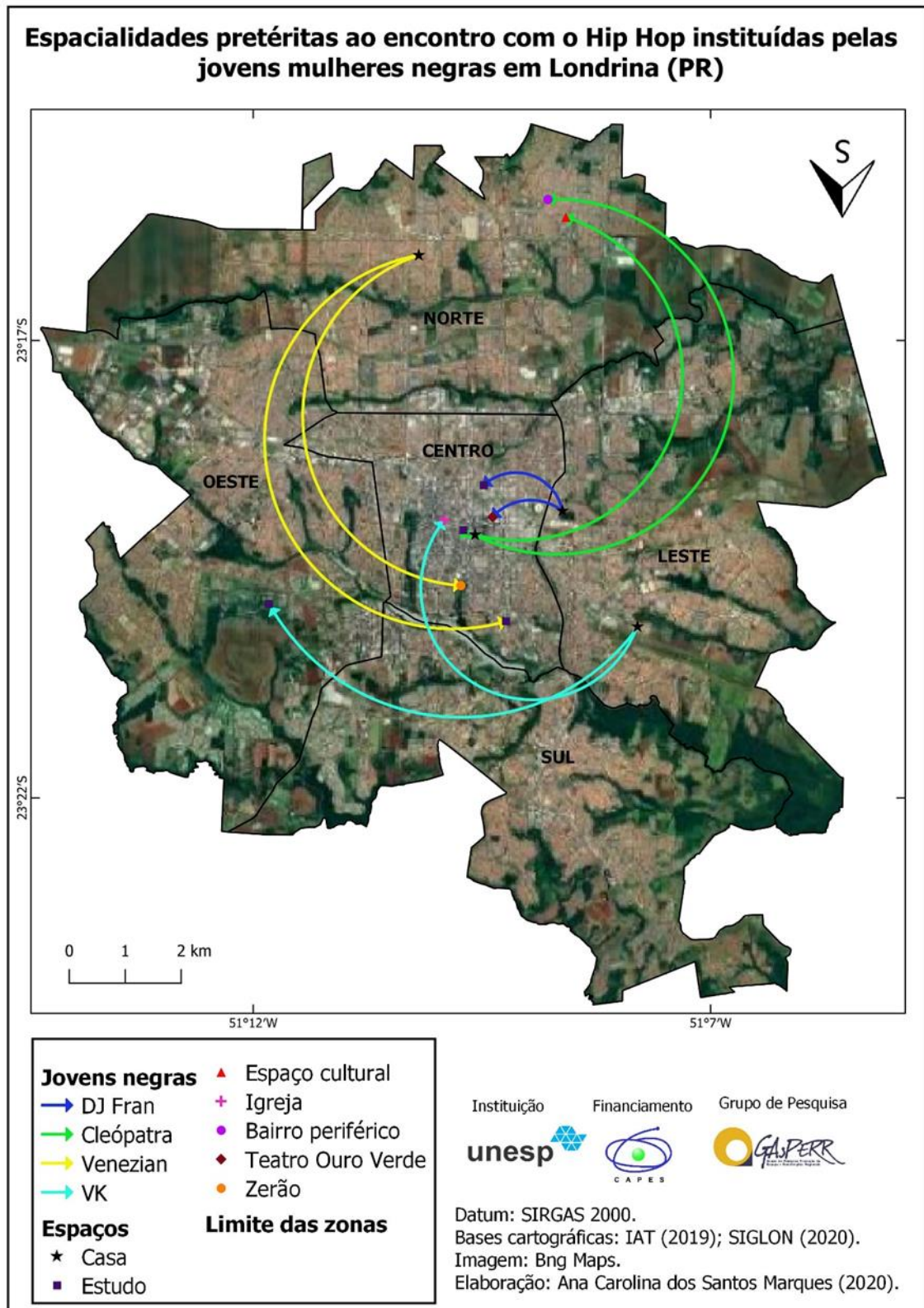
Como a jovem aponta, suas espacialidades eram restritas. Ela ia para a escola todos os dias, seu círculo de sociabilidade se restringia ao seu bairro e, por meio da cultura *heavy metal*, ela expandia seus espaços de circulação para a área central de Londrina. Esse contexto aponta que não somente a cultura Hip Hop é importante nas vivências das juventudes, como também outras culturas juvenis.

A não participação em uma cultura juvenil nessa fase de vida reflete nas redes de sociabilidade criadas, como é o caso de MC VK, que tinha suas espacialidades voltadas para sua casa, escola e igreja, uma vez que seus pais eram muito religiosos:

Muito tempo da minha vida eu participei de igreja, de grupos de jovens, grupos de oração, sempre fui muito engajada na paróquia que meus pais participam hoje. Eu participei com eles muito tempo. Então, digamos assim, meu hobby era igreja. Aí quando eu comecei a ir para faculdade, que eu comecei a ter uns rolês diferente né, que eu comecei a conhecer o pessoal da faculdade, pessoal de outros cursos [...] (MC VK, 2020).

Foi primeiramente por meio da faculdade e, em seguida do Hip Hop, que MC VK começou a fazer parte de outras redes de sociabilidade. A universidade e a cultura Hip Hop permitiram que seu círculo de amizades fosse construído com base em suas escolhas próprias. O conhecimento de outras realidades fez com que a jovem parasse de frequentar a igreja e aderisse à cultura universitária e juvenil.

Mapa 1 - Espacialidades pretéritas ao encontro com a cultura Hip Hop, instituídas pelas jovens mulheres negras em Londrina - PR⁸



Elaboração: a autora, 2020.

⁸ O Mapa 1 não possui um recorte temporal único. Cada jovem aderiu a cultura Hip Hop em um momento específico da vida e, como o mapa representa as espacialidades pretéritas a esse encontro, não há como estabelecer uma datação estática.

Cleópatra estudava próximo de sua casa, também participava de projetos sociais na *Vila Cultural Flapt!* e fazia aulas circenses na *Escola de Circo de Londrina*, ambas localizadas na zona norte e identificadas no mapa como espaço cultural. Essas atividades culturais eram possíveis pelo fato de parte de sua família residir em um bairro periférico chamado Maria Cecília, próximo tanto da Vila, quanto da Escola de Circo:

Eu acho que eu tinha uns onze anos quando eu comecei a dançar break no projeto social ali na Saul Elkind lá. Mas antes disso eu fazia circo. Eu sempre estive envolvida. Meus pais, eles fizeram muita questão de na minha criação me envolver com arte desde o começo, desde muito nova. Então, sempre tive nesse meio. Eu fiz ballet durante muitos anos. Fiz ginástica durante muitos anos e fiz 10 anos de circo, que daí eu me profissionalizei e comecei a trabalhar. Mas antes de eu conhecer o hip hop, pô, eu era uma criança, nem sabia o que eu tava fazendo, tava zuando aí, brincando na rua [...] Mano, antes de eu começar a colar nas batalhas no movimento, eu vivia no circo, no projeto da escola de circo de Londrina. Primeiramente, era aqui no centro, aqui na Higienópolis. Depois, eles mudaram lá na Saul Elkind, lá no barracão cultural. Então, eu passava uma boa parte do meu tempo lá [...] eu ficava muito lá no Cincão né, minha família é de lá, então eu ficava lá na rua aprontando sei lá, fazendo mil coisas. Meus parentes moram, todo mundo tudo no Maria Cecília. Era mais fácil de frequentar os espaços. A Flapt também foi um espaço que quando inaugurou lá, ali do lado da igreja né, também foi um espaço que eu frequentei bastante (CLEÓPATRA, 2020).

Os pais de Cleópatra sempre incentivaram a jovem a participar de projetos sociais e culturais. Essa participação implicou em espacialidades mais amplas, em relação às outras jovens da pesquisa. A rede de sociabilidade da jovem não se concentrava somente nas/os amigas/os da escola ou do entorno de sua casa, mas também nas pessoas que frequentavam os projetos e na vizinhança do local em que seus parentes moravam.

Os fluxos espaciais de Venezian se concentravam nos deslocamentos entre sua casa, a escola e o Zerão, que foi um espaço público essencial no lazer e constituição de redes de sociabilidade para a jovem, que ia até o local nos finais de semana com amigas/os. Quando questionada a respeito dos espaços que costumava frequentar antes de seu encontro com a cultura Hip Hop, Venezian respondeu:

[...] antes eu não tenho tanta memória. Não sei se porque eu to vivendo agora um tempo que eu sempre quis viver, ou se é porque faz tanto tempo, porque as vezes passa. Mas antes, eu tentava achar outras formas de expandir o que eu sentia [...]eu sinto que eu era tão feliz quanto hoje sabe [...] (VENEZIAN, 2020).

A jovem se identifica como uma mulher lésbica, ou seja, possui uma sexualidade dissonante do padrão heteronormativo. Venezian assumiu sua sexualidade com 15 anos, antes do encontro com o Hip Hop. Entretanto, a participação na cultura foi determinante para ela, que encontrou uma forma de afirmar sua identidade, se expressar e ser ouvida. Nesse sentido, as vivências anteriores ao encontro com o Hip Hop passaram a não ser tão significativas, uma vez que a jovem performava o que a ordem heteronormativa objetivava que ela fosse, e não quem ela realmente era. Assumir a sexualidade transformou sua consciência de si, e o Hip Hop contribuiu para isso.

As espacialidades de Poetiza não são representadas no mapa, em virtude de seu encontro com o Hip Hop ter acontecido quando possuía apenas sete anos de idade, período em que residia em outra cidade, Florestópolis (PR), e que não possui lembranças precisas dos espaços que frequentava.

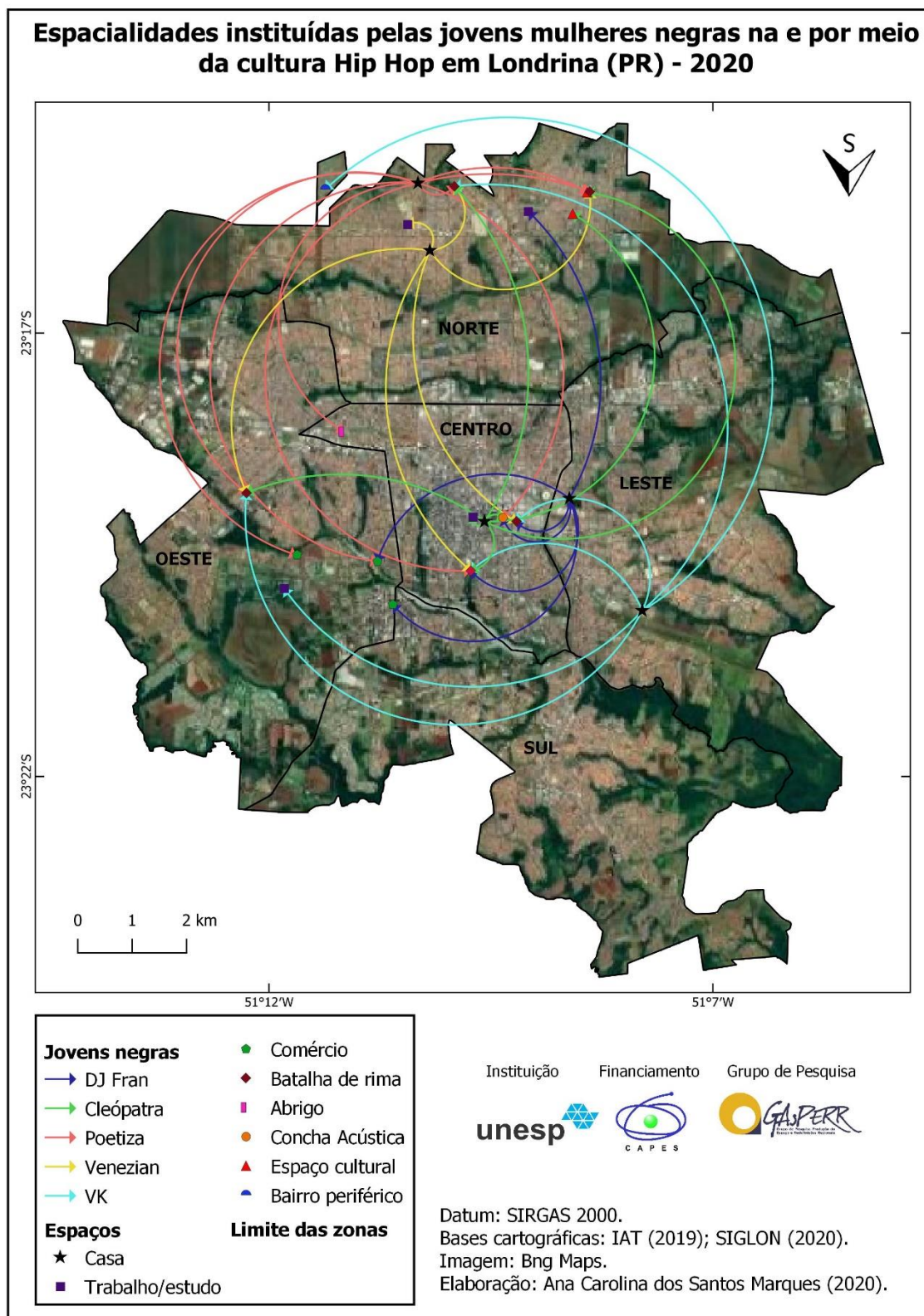
O Mapa 2 apresenta as espacialidades das jovens após seus encontros com a cultura juvenil, até 2020. Após a adesão à cultura, elas passaram a ocupar mais espaços e a transitar mais pela cidade. Com exceção de seus locais de trabalho/estudo e das casas de suas/eus familiares ou amigas/os – não representados no mapa –, todas as suas trajetórias espaciais possuem o Hip Hop na base.

Os espaços mais frequentados pelas jovens negras eram: Zerão, Batalhas da Concha, Galo, Hemp e Cinco, Cativeiros Bar e Bar Valentino. Os dois últimos eram os únicos estabelecimentos comerciais que atraíam as jovens, por serem dois dos poucos comércios que valorizam o Hip Hop na cidade. DJ Fran frequentava o Bar Valentino para tocar e Poetiza frequentava o Cativeiros Bar para cantar ou apenas como forma de lazer. Também é representado o *Shopping Aurora*, listado por DJ Fran. Entretanto, faz-se importante destacar que a frequentação desse espaço se deu em função do Festival Hip Hopé Vermelho (evento que acontece em Londrina). Em outros momentos, as jovens não frequentariam *shoppings*, como evidenciado nas entrevistas, pois esses espaços estão mais associados ao desconforto e minimização das capacidades de agir.

Com exceção dos estabelecimentos comerciais e dos locais de trabalho/estudos, os pontos listados no mapa se tratam de espaços públicos ou eventos que acontecem neles. As jovens preferem espaços de acesso gratuito e que não possuem uma norma explícita, em relação a quem pode frequentá-los. Essa valorização dos espaços públicos por parte das jovens, assim como pelas juventudes em geral, afirma sua importância para a sociabilidade juvenil.

Assim, o Hip Hop reativa o espaço público e sua importância para a sociabilidade, fazendo dele uma arena de diversão, divergência, debate e voz. A cultura também altera as centralidades, ainda que momentaneamente. Quando os eventos acontecem nas periferias, esses espaços se tornam atrativos para jovens de toda a cidade, e não apenas de seu entorno. Quando as manifestações ocorrem em espaços públicos centrais, a juventude periférica ocupa esses locais e imprime a marca da cultura produzida na periferia.

Mapa 2 - Espacialidades instituídas pelas jovens mulheres negras na e por meio da cultura Hip Hop em Londrina – PR



Elaboração: a autora, 2020.

Os espaços culturais da zona norte – Vila Cultural Flapt! e Escola de Circo de Londrina –, representados no mapa, foram e são fundamentais para o contato da juventude periférica com o Hip Hop. Esses projetos têm grande relevância nas trajetórias de vida e de espaço das/os jovens. Entretanto, não podemos simplifica-los, uma vez que podem ser interpretados também como

políticas públicas intencionais, que levam o Hip Hop para a periferia, reforçado a ideia de que esta cultura é mais apropriada para jovens periféricas/os. Estas/es aderem à cultura e se tornam produtoras/es dela na cidade, positivando suas experiências periféricas.

No caso de Cleópatra, foi a Escola de Circo que lhe possibilitou o encontro com a cultura, inicialmente por meio do *break*, para em seguida, a partir das batalhas de rima, aderir ao rap: *"O meu contato com o movimento hip hop foi muito nova já, eu acho que eu tinha uns onze anos quando eu comecei a dançar break no projeto social ali na Saul Elkind [...] Foi basicamente por causa do circo, o circo me trouxe muito hip hop [...]"*. O espaço cultural em questão oferece uma série de aulas como danças urbanas, balé e circo. Ele representa para muitas crianças o primeiro contato com alguma atividade cultural e, no caso de Cleópatra, o contato com o Hip Hop.

A Vila Cultural Flapt! possui projetos voltados especificamente ao Hip Hop, principalmente ao elemento *break*, e proporciona que crianças, adolescentes e jovens das periferias empobrecidas da zona norte, tenham acesso a um espaço de educação não-formal, assim como de lazer. Cleópatra e Venezian já frequentaram o espaço e Poetiza comparece até os dias atuais, desenvolvendo alguns projetos de dança no local.

Esses dois espaços podem ser entendidos como terminais de conexão. Carrano (1999) considera que esses terminais são pontos de encontro das/os jovens. Turra Neto (2008) destaca que o termo se refere a espaços de encontro de diversas trajetórias, onde redes são tecidas, ampliadas e até desconectadas da rede original. No caso dessa pesquisa, os terminais de conexão em questão proporcionam que pessoas tenham seu primeiro contato com a cultura Hip Hop, ou ainda que consolidem sua adesão à ela.

As batalhas de rima também podem ser interpretadas como terminais de conexão. São os principais espaços que fomentam o Hip Hop londrinense, por meio delas a maior parte das/os jovens conseguem praticar a cultura. Algumas jovens, como Cleópatra e Poetiza, quando conheceram as batalhas de rima, já possuíam referências da cultura, sendo nessas competições que consolidam sua participação enquanto praticantes e produtoras do Hip Hop. Os primeiros enfrentamentos em relação a estabelecer um lugar das mulheres na cultura foram realizados em batalhas por outras mulheres, conforme a participação feminina aumentou, começou a ser gerenciado um outro movimento Hip Hop, mais democrático e, possivelmente, feminista.

Ao serem realizadas em espaços públicos, as batalhas de rima proporcionam que não somente a juventude hip hopper conheça e aprenda mais acerca da cultura, mas também o público que já frequenta os locais, que pode se interessar ao ver as manifestações artísticas acontecendo. MC VK é um exemplo desse cenário, antes de aderir a cultura, ela já havia visto a Batalha da Concha ocorrendo no Zerão: *"[...] um fato que me marcou de batalha foi que a primeira batalha que eu vi na minha vida foi no Zerão e foi a Venezian destruindo na rima um outro MC. Foi aí que eu pensei: será que eu também posso?"* (MC VK, 2020). Não somente assistir a batalha impactou positivamente MC VK, mas também o fato de ver uma jovem mulher negra rimando, Venezian. Inclusive, o encontro de Venezian com o Hip Hop se deu em uma batalha constituída por mulheres: *"A primeira batalha que eu fiz mesmo, que eu participei foi a Batalha das Minas em 2017, onde é a Batalha do Cinco, era só mina mesmo e eu amei participar lá, porque quando você tá com mulher, você se sente muito mais confortável"* (VENEZIAN, 2020). Esses contextos evidenciam a importância de mulheres ocuparem os espaços da cultura, elas incentivam e encorajam outras jovens a participarem e lutarem por espaços mais democráticos, transformando o próprio Hip Hop.

Poetiza institui inúmeras espacialidades no e por meio do Hip Hop, ela frequenta diversas batalhas e também se desloca até lares de acolhimento e orfanatos, para divulgar a cultura para pessoas em situação de vulnerabilidade e valorizar a negritude, uma vez que, ao trabalhar com tranças e maquiagens, incentiva a assunção da estética negra nos projetos sociais. A jovem negocia

a afirmação de sua identidade dentro do Hip Hop, e por meio da cultura ela também ocupa mais espaços na cidade, divulgando seu trabalho.

Cleópatra, MC VK e Venezian apontaram que a participação na cultura influenciou diretamente nos espaços que frequentam. MC VK passou a ocupar os bairros periféricos. Cleópatra não somente começou a comparecer às batalhas, mas também a realizar algumas viagens, principalmente para Maringá (PR), onde as mulheres hip hoppers estabeleceram redes com as jovens londrinenses e convidam umas às outras para participarem das batalhas, inclusive, como juradas das competições. Em relação a Venezian, seus deslocamentos se dão, majoritariamente, para as batalhas. A rotina semanal da jovem é constituída pelos trajetos existentes entre sua casa, locais de trabalho e estudo, e as batalhas de diversas zonas de Londrina.

DJ Fran teve suas espacialidades ampliadas para além da cidade de Londrina:

Então, na verdade, chega até arrepiar, o Hip Hop me levou pra muitos lugares mesmo. Aqui em Londrina eu já fui pra tudo quanto é canto que você imagina, já toquei em quase todas as vilas culturais e muitos bares, em muitas festas, já visitei muitos bairros aqui, tanto pra assistir, quanto pra participar de eventos, tanto lugares de periferia, que não tem asfalto, quanto, por exemplo, Aurora Shopping, que nosso festival aconteceu lá dentro da Aurora. Eu visitei muito aqui Londrina em todos os espaços, fui também pra várias cidades aqui perto, tipo Maringá, Sarandi, Marialva, Curitiba, fui pra São Paulo também, vários lugares de São Paulo, fui pra Florianópolis. O Hip Hop ele abre um horizonte muito grande na minha vida, eu tive uma experiência assim fantástica [...] (DJ FRAN, 2020).

Em seus mais de 10 anos de participação na cultura, a jovem já frequentou eventos em outras cidades paranaenses e também estados brasileiros, com o intuito de tocar ou apenas assistir. Desse modo, o Hip Hop proporciona não somente os deslocamentos intraurbanos, mas também inter-regionais e interestaduais.

O centro de Londrina, do ponto de vista da cultura Hip Hop, divide sua centralidade com as batalhas e outros eventos que acontecem nas periferias empobrecidas. As jovens convergem suas trajetórias para os eventos da zona norte, tanto quanto para o centro, sendo que a zona oeste também tem destaque. A centralidade do centro ocorre, sobretudo, em virtude da Batalha da Concha, entretanto, o Zerão também é frequentado pelas jovens em dias que a batalha não ocorre. É um espaço público muito importante para a juventude londrinense, onde se encontram as pluralidades das juventudes. A Batalha das Minas, que apesar de ter realizado apenas uma edição, se evidencia como um importante evento para as mulheres e para sua instituição de espacialidades em locais fora de seu cotidiano.

A zona norte possui grande importância na cena do Hip Hop londrinense. Ainda que o centro tenha sua centralidade, é na zona norte que a cultura tem seu surgimento e consolidação. Várias/os artistas são dessa área de Londrina e, mesmo quando as/os jovens não moram próximo dos locais em que os eventos ocorrem, ainda se deslocam para a zona norte.

Em suma, as práticas espaciais das jovens negras da pesquisa são orientadas pelo movimento das batalhas de rima e todo esse processo aponta, não só para uma relação centro-periferia, mas também uma forte relação periferia-periferia. Trajetórias espaciais periféricas distintas se congregam em um único ponto do centro, mas principalmente, da própria periferia. As periferias londrinenses, sobretudo as da zona norte, assumem centralidade do ponto de vista da cultura Hip Hop.

A partir das batalhas de rima, enquanto principais locais frequentados pelas jovens, podemos entender como elas instituem espacialidades *na* cultura de Londrina. Pensando nas espacialidades que instituem *por meio* do Hip Hop, há seus trajetos até chegar aos locais dos eventos, os projetos sociais, os bares em que tocam rap, lares e orfanatos. Há também os trajetos não representados nos

mapas, como por exemplo, os encontros realizados na casa de amigas/os, amizades construídas em função da cultura.

A partir dos Mapas 1 e 2, confirmamos que se engajar na cultura Hip Hop produz não só outras sujeitas periféricas, mas também outras espacialidades na cidade. O processo de instituição de espacialidades é ampliado após a adesão ao Hip Hop. Sujeitas e espacialidades são produzidas em um único movimento.

Portanto, contatamos que as espacialidades instituídas pelas jovens negras *no e por meio do* Hip Hop são múltiplas e proporcionam que ocupem espaços que foram, historicamente, negados a elas, negociando e afirmando suas identidades enquanto jovens, mulheres, negras e periféricas, sobretudo, porque o fazem juntas, nos encontros proporcionados pela cultura Hip Hop.

Considerações finais

Raça, gênero, classe, sexualidade e idade são eixos que formam a sociedade e que, historicamente, são utilizados pela estrutura de poder hegemônica para diferenciar as pessoas e as discriminar. No caso de nós, jovens mulheres negras, a intersecção das matrizes nos torna mais vulneráveis e com menos oportunidades de mudança de vida. Quando interseccionamos esses eixos ao espaço geográfico, concluímos que há uma restrição de nossas espacialidades, que são impostas pela estrutura de poder e se concentram, predominantemente, nos percursos entre casa e trabalho.

O Hip Hop se apresenta como uma cultura juvenil de enfrentamento às imposições da sociedade. Ele permite que as jovens mulheres modifiquem suas realidades, tenham a oportunidade de se expressarem e de serem ouvidas e de também instituírem outras espacialidades nas cidades. Entretanto, não podemos romantizar o papel dessa cultura na vida dessas jovens, o Hip Hop historicamente foi protagonizado por homens e ainda vemos discursos discriminatórios sendo reproduzidos, principalmente machistas e sexistas. Nesse sentido, até mesmo para ocupar um espaço que proporciona afirmação identitária nas e por meio das culturas juvenis, as jovens mulheres tiveram e ainda têm que quebrar barreiras e lutar contra as opressões.

Em Londrina, a cultura Hip Hop se evidencia como uma oposição à estruturação racista do espaço urbano, possibilitando que a juventude hip hopper ocupe espaços e transite pela cidade. Dessa forma, as jovens negras da pesquisa realizam múltiplos enfrentamentos, tanto na cultura quanto no espaço urbano londrinense.

O encontro com o Hip Hop modificou a leitura que as jovens faziam do mundo, mudou suas formas de se posicionar, assim como suas trajetórias de vida e de cidade. Ao mesmo tempo em que estão se conectando às redes de sociabilidade em torno da cultura Hip Hop de Londrina, formada por outras mulheres, vão também constituindo uma outra espacialidade em decorrência do enredamento nestas redes, num movimento em que vão se afirmando como mulheres e negras. Ou seja, um processo concomitante e indissociável de constituição de sujeitas e de suas espacialidades.

A participação no Hip Hop implica em maiores deslocamentos pelo espaço urbano de Londrina, que não se tornam restritos apenas aos trajetos entre casa e local de trabalho ou estudo. Elas passam a instituir outras espacialidades, diferentes daquelas que lhes foram impostas, ao mesmo tempo em que vão se tornando hip hoppers feministas. Suas práticas espaciais são orientadas pelo movimento dos eventos do Hip Hop, com destaque para as batalhas de rima. Suas trajetórias passam a não se restringir apenas entre periferia-periferia, mas também entre centro-periferia. Daí que concluímos que elas negociam sua participação *na* cultura Hip Hop e também transitam mais pela cidade *por meio* da cultura Hip Hop.

Ainda que os espaços que mais frequentemente sejam aqueles abertos pela cultura, há também os trajetos até eles e os locais que passam a visitar a partir das redes de sociabilidade criadas na

cultura, ambos tensionam a ordem hegemônica de poder, que objetiva segregar estas jovens. Ao romperem com as espacialidades impostas, rompem também com as identidades impostas, orientadas pelas representações hegemônicas a respeito do que é a mulher negra e qual o seu papel na sociedade. Portanto, as jovens instituem espacialidades e identidades ampliadas após a adesão ao Hip Hop.

Por fim, concluo que uma cultura Hip Hop feminista tem sido gerenciada na cena cultural londrinense. Com base nas ações das jovens observadas nos trabalhos de campo, nas entrevistas e nas espacialidades instituídas, constatei que as jovens mulheres têm criado algo novo, que une tanto elementos já conhecidos da cultura Hip Hop, quanto novas discussões, como as questões de gênero e de sexualidade. Ainda que não utilizem referências bibliográficas sistematizadas por autoras feministas, a ação das jovens explicita a forma como o feminismo pode ser colocado em prática. A partir desses pressupostos, um Hip Hop feminista está se consolidando em Londrina.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) Código de Financiamento 001. Número do financiamento CAPES: 88887.352329/201900.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Nécio Turra Neto, pelas contribuições no processo de pesquisa.

Referências

- AKOTIRENE, C. (2019) *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén.
- ALMEIDA, S. L. (2018) *O que é racismo estrutural?*. Belo Horizonte: Letramento.
- AMORIM, W. V. (2011) *A produção social do espaço urbano em Londrina -PR: a valorização imobiliária e a reestruturação urbana*. 2011. 287 f. Tese (Doutorado em Geografia), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente.
- CARNEIRO, S. (2003) Mulheres em movimento. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-132.
- CARRANO, P. (1999) *Angra de tantos reis: práticas educativas e jovens tra(n)çados da cidade*. 1999. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Florianópolis.
- CARRANO, P. (2011) Jovens, escolas e cidades: desafios à autonomia e à convivência. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 6, p. 7-22.
- COLOGNESE, S. A.; MELO, J. L. B. (1998) A técnica de entrevista na pesquisa social. *Cadernos de Sociologia*, Porto Alegre, v. 9, p. 143-159.
- CRENSHAW, K. W. (2004) A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: RIBEIRO, M. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem, p. 7-16.
- D'ANDREA, T. (2020) Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. *Novos Estudos*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 19-36.
- DAYRELL, J. (2003) O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 24, p. 40-52.
- FEIXA, C. (1999) *De jóvenes, bandas y tribus: antropología de la juventude*. 2 ed. Barcelona: Editora Ariel.
- FREIRE, R. (2018) *Hip-hop feminista? Convenções de gênero e feminismos no movimento hip-hop soteropolitano*. Salvador: EDUFBA/NEIM.
- GALDINO, C. F. (2017) *A população negra em Londrina: as interfaces entre violência e educação*. 2017. 123 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- GEERTZ, C. (1978) A interpretação das culturas. In: _____. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 3-21.
- GIBBS, G. (2009) *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre: Bookman.
- GÓES, E. M.; SPÓSITO, M. E. B. (2016) Práticas espaciais, cotidiano e espaço público: o consumo como eixo da análise do calçadão de Presidente Prudente-SP. *Anpege*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 19, p. 39-65.
- GONZALEZ, L. (1984) Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Ciências Sociais Hoje*, São Paulo, p. 223-244.
- HARAWAY, D. (1995) Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, São Paulo, v. 5, p. 7-41.
- LEFEBVRE, H. (2013) *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing.
- LINDÓN, A. (2012) Corporalidades, emociones y espacialidades. Hacia un renovado betweenness. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, Paraíba*, v. 11, n. 33, p. 698-723.
- MAIA, R. C. M. (2001) Sociabilidade: apenas um conceito?. *GERAES*, Minas Gerais, n. 53, p. 4-15.
- MARGULIS, M.; URRESTI, M. (1996) La juventud es más que una palabra. In: MARGULIS, M. (org.). *La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud*. Buenos Aires: Biblos, p. 13-30.
- MASSEY, D. (2004) Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. *GEOgraphia*, Niterói, v. 6, n. 12, p. 7-23.
- MASSEY, D. (2018) *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- MASSEY, D. B. (2009) *Space, place and gender*. 6 ed. Minnesota: University of Minnesota Press Minneapolis.
- MCCALL, L. (2005) The Complexity of Intersectionality. *Signs*, Chicago, v. 30, n. 3, p. 1771-1800.
- MCDOWELL, L. (1999) *Gender, identity and place: understanding feminist geographies*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- NUNES, M. A. O.; SILVA, L. H. O. (2007) Reflexão em torno do Movimento Hip Hop. *Afroatitudenas*, Londrina, v. 2, p. 1-6.

- OLIVEIRA, D. A. (2012) Juventude e territorialidades urbanas: uma análise do Hip Hop no Rio de Janeiro. *Revista de Geografia – PPGEO*, Juiz de Fora, v. 2, n. 1, p. 1-8.
- OLIVEIRA, D. A. (2020) A questão racial brasileira: apontamentos teóricos para compreensão do genocídio negro. *Revista da ABPN*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 73-98.
- PAIS, J. M. (2003) *Culturas Juvenis*. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- RIBEIRO, D. (2018) *Quem tem medo do feminismo negro?*. São Paulo: Companhia das Letras.
- RIBEIRO, D. (2019) *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SANTOS, R. E. (2007) O ensino de Geografia do Brasil e as relações raciais: reflexões a partir da Lei 10.639. In: ____ (org.). *Diversidade, espaço e relações sociais: o negro na Geografia do Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 21-40.
- SANTOS, J. L. (2011) *Negro, jovem e hip hopper: história, narrativa e identidade em Sorocaba*. 2011. 168 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.
- SIMÕES, J. A. (2010) *Entre a rua e a internet: um estudo sobre o hip-hop português*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- SOUZA, L. F. (2007) *Corpos negros femininos em movimento: trajetórias socioespaciais de professoras negras em escolas públicas*. 2007. 126 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
- SOUZA, L. F.; RATTIS, A. J. P. (2008) Raça e gênero sob uma perspectiva geográfica: espaço e representação. *Boletim Goiano de Geografia*, Goiânia, v. 28, n. 1, p. 143-156.
- TURRA NETO, N. (2004) *Enterrado vivo: identidade punk e território em Londrina*. São Paulo: Editora UNESP.
- TURRA NETO, N. (2011) Metodologias de pesquisa para o estudo geográfico da sociabilidade juvenil. *Rae'ga*, Curitiba, v. 23, p. 340-375.
- TURRA NETO, N. (2015) Definir juventude como ato político: na confluência entre orientações de tempo, idade e espaço. In: CAVALCANTI, L. S.; CHAVEIRO, E. F.; PIRES, L. M. (orgs.). *A cidade e seus jovens*. Goiânia: Ed. PUC Goiás, p. 119-135.
- XAVIER, D. P. (2005) *Repensando a periferia no período popular da história: o uso do território pelo Hip Hop*. 2005. 128 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.